

## RESENHA



250

FINK, E. *Presentificação e imagem*. Contribuições à fenomenologia da irrealidade. Trad. Anna Luiza Coli. Londrina: Eduel, 2019, 118p.

Prof. Dr. Marcus Sacríni  
Universidade de São Paulo - USP<sup>1</sup>

Fantasiar situações inverossímeis, rememorar episódios longínquos, ter expectativas são experiências corriqueiras e que desde a Antiguidade têm sido tematizadas por filósofos interessados em formular uma concepção global acerca das capacidades subjetivas. Na contemporaneidade, experiências desse tipo receberam amplo destaque na tradição fenomenológica, fundada por Edmund Husserl. Em termos gerais, almeja-se, em tal tradição, descrever as estruturas da subjetividade e clarificar seu papel na constituição de todo sentido de ser. A obra aqui em vista, *Presentificação e imagem*, publicada por Fink em 1930 e que finalmente poderá ser lida em bom português devido ao notável trabalho de Anna Luiza Coli, toma parte

<sup>1</sup> E-mail: [sacrinim@usp.br](mailto:sacrinim@usp.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5913-0799>

diretamente no desenvolvimento dessa tradição. Fink preparara esse texto inicialmente como tese de doutorado, orientada pelo próprio Husserl e defendida em 1929. Desde um ano antes, Fink já trabalhava como assistente de Husserl, cargo a que se dedicou até a morte do mestre, em 1938. É claro, assim, que a obra husserliana fornece o principal quadro teórico formador do pensamento do jovem Fink. Nós nos enganaríamos, no entanto, se julgássemos que *Presentificação e imagem* se limita a comentar a conceitualidade já estabelecida por Husserl, tal como propõem os estudantes que diligentemente se dedicam à história da filosofia. Está ali registrado um esforço intelectual vultoso, que não só assume as categorias fenomenológicas propostas por Husserl, mas as problematiza à luz dos temas discutidos. “Nossa análise singular se inscreve no espaço da investigação fenomenológica inaugurada pelas obras fundamentais de Edmund Husserl”<sup>2</sup>, admite Fink de bom grado no § 1 do texto. Todavia, seu opúsculo não é uma exposição do pensamento husserliano, a qual encontraria em tais obras fundamentais mencionadas o tribunal último para resolver os problemas enfrentados. Fink vai fazer valer o “retorno às próprias coisas” preconizado por Husserl na introdução de *Investigações lógicas*<sup>3</sup> e propor uma investigação autônoma que não deixará de avançar em relação a posições de Husserl em pontos nevrálgicos da doutrina fenomenológica. Gostaríamos de chamar a atenção dos leitores ao menos para alguns desses pontos discutidos como que nas entrelinhas de *Presentificação e imagem*.

251

Voltemo-nos, de início, para a noção de presentificação (*Vergegenwärtigung*), que tem destaque já no título da obra de Fink. Por meio dessa noção, Husserl aproxima diversos atos de consciência que partilham ao menos de uma característica, a ausência (ou mesmo inexistência, em alguns casos) do polo objetual visado. Na memória, na fantasia, na expectativa, dirigimo-nos para polos objetuais que não se doam atualmente, mas que são *tornados presentes* pelas sínteses constitutivas desses respectivos atos. Assim, as presentificações se distinguem essencialmente dos atos de *presentação* (*Gegenwärtigung*), nos quais os objetos não são apenas visados, mas doados atualmente. A percepção sensível é, nesse caso, o exemplo privilegiado; nela os objetos são postos como efetivamente existentes. Vale notar que *presentação* e *presentificação* são *atos intuitivos*, isto é, que apreendem a manifestação dos aspectos *próprios* dos objetos (e não meramente os visam de forma *vazia*, por meio de significações linguísticas, o que demarca os atos significativos). Contudo, além da intuitividade, a *presentação* se caracteriza pela *originariedade*, quer dizer, pela *doação efetiva* dos seus objetos. Já na *presentificação*, conquanto visemos os objetos por meio de seus aspectos intuíveis, esses últimos não se doam “em pessoa”; os atos presentificantes se caracterizam, assim, pela *reprodutividade*<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> FINK, E. *Presentificação e imagem. Contribuições à fenomenologia da irrealidade*. Londrina: Eduel, 2019, § 1, p.25-6.

<sup>3</sup> Cf. HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen II/1*. Hua XIX. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1984, introd. § 2. Fink emprega a expressão em pauta no final do § 1 de seu texto.

<sup>4</sup> “Presentificação é o contrário do ato originariamente doador, nenhuma representação pode ‘brotar’ dele. Isto é, a fantasia não é uma consciência que possa pôr, como dada ela própria, uma qualquer objetividade ou

Que a presentificação seja reprodutiva, no sentido acima, não significa que seja indireta. Presentificar não se confunde, destarte, com a apreensão de algum objeto intermediário que tornaria possível o acesso às objetividade ausentes ou inexistentes visadas. Em uma palavra, presentificar não é *representar*, isto é, direcionar-se para um objeto “substituto” e só então, com a mediação desse último, alcançar intencionalmente o objeto visado. Cabe, então, discriminar entre as presentificações e as *imagens*, as quais envolvem uma forma de consciência estratificada, baseada em uma doação presentadora de um *suporte* que evoca o figurado *ausente*. Distinguimos, desde então, o segundo termo a compor o título da obra de Fink. Presentificar não é perceber imagens internas que fariam o papel de simulacros dos objetos ausentes ou inexistentes em pauta; por sua vez, ter consciência de imagens não é uma pura presentificação, um ato da imaginação, por assim dizer, mas uma síntese baseada na percepção de algo que atua como suporte para uma figuração.

Husserl se esforça por deslindar presentificação e consciência de imagem em uma longa seção<sup>5</sup> do famoso curso ministrado em 1904-5, “Partes fundamentais da fenomenologia e teoria do conhecimento” e, mais à frente no mesmo curso, buscou clarificar a temporalidade imanente da consciência<sup>6</sup>, a qual oferece o ponto de vista decisivo para delimitar presentificação e imagem, uma estratégia que será radicalizada por Fink. Acompanhemos mais de perto esse movimento. Husserl acentua que a nossa experiência do tempo é, antes de tudo, *percebida* e não, por exemplo, imaginada<sup>7</sup>. O estar consciente se articula em torno do momento *impressional* do agora, isto é, do momento em que *sentimos como presente aquilo que é vivenciado*. A consciência impressional presente, por sua vez, não é uma espécie de átomo em que se atestam presenças pontuais, mas ela se estende em um contínuo de modificações retencionais e protencionais que constituem a própria duração da experiência. Cada agora impressional não desaparece à medida que novas impressões se impõem vivencialmente; os momentos vividos se modificam em retenções que ainda tomam parte na consciência presente, porém esvaziadas da intuitividade característica de quando exerciam a função de impressão. Nessa sequência ininterrupta de modificações (impressões retidas à medida que novas impressões, há pouco somente protendidas, cumprem o papel de agora) constitui-se

252

---

um traço essencial e possível numa objetividade” (HUSSERL, E. *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstesens* (1893-1917). Hua X. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1966, § 19, p.45).

<sup>5</sup> A seção desse curso especificamente voltada aos atos presentificantes e imagéticos é conhecida como *Fantasia e consciência de imagem*. Esse texto foi traduzido para o português por Marcella Marino M. Silva, como dissertação de mestrado defendida no departamento de Filosofia da USP em 2012, e está disponível em [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-06112012-104628/publico/2012\\_MarcellaMarinoMedeirosSilva.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-06112012-104628/publico/2012_MarcellaMarinoMedeirosSilva.pdf)

<sup>6</sup> Essa seção voltada à análise da temporalidade serviu de base para a obra *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, publicadas originalmente em 1928, e que aqui citamos conforme a referência da coleção Husserliana (cf. nota 3).

<sup>7</sup> “Consideremos o sentir como a consciência originária do tempo; nela se constitui a unidade imanente cor ou som, a unidade imanente desejo, prazer, etc.” (HUSSERL, E. *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstesens* (1893-1917), *op. cit.*, ap.III, p.107).

a duração vivencial. Há uma síntese entre o que é *sentido* impressionalmente e, por um lado, o que deixa de ser sentido mas passa a ser retido e, por outro, o que ainda será sentido mas já é protendido como continuidade harmônica do experienciar<sup>8</sup>.

Notemos que nessa descrição, Husserl não está falando dos objetos que se doam conforme sua temporalidade objetual, e sim das próprias *vivências* enquanto configurações extensas do estar consciente. Essa forma geral da temporalização das vivências deve também clarificar a estrutura da presentificação. Afinal, comenta Husserl, “também as presentificações de todo tipo, como escoamento das vivências da formação universal constituinte do tempo, constituem um objeto imanente: ‘um processo de presentificação duradouro que se escoia de tal e tal maneira’”<sup>9</sup>. Cabe, entretanto, investigar quais as particularidades dos atos presentificantes na temporalidade imanente. Como toda vivência constituída no fluxo incessante de modificações temporalizantes, a presentificação também é sentida, também é vivenciada como impressão. Já vimos, a impressão é a consciência imanente de algo que se dá como presente; ela é consciência última, no sentido de que não é consciente em nenhuma outra consciência. Assim, um ato presentificante é vivido de forma *originária* no agora impressional da consciência<sup>10</sup>. Todavia, as presentificações possuem a característica de *reproduzir uma impressão*, a qual pode, por exemplo, já ter sido vivida e aparecer, então, como recobrando parte do fluxo impressional originário (quando então vivenciamos uma lembrança) ou pode ser meramente ficcional (quando então vivenciamos uma fantasia). Nos atos de apresentação, aos momentos impressionais correspondem as aparições objetuais presentes, que se doam de modo simultâneo à duração da vivência. Por sua vez, no caso das presentificações, os polos objetuais se doam por meio de uma estratificação intencional; o objeto passado ou fantasiado, por exemplo, aparecem *como se* os estivéssemos percebendo agora, mas, na verdade, não há percepção e sim *reprodução* de uma visada apreensiva impressional que *simula* a doação perceptiva. É assim que o polo objetual aparece como lembrado, fantasiado, esperado: a sua doação não é simultânea à impressão originária atual, mas à impressão *reproduzida* no momento atual, em um ato que então *torna presente* uma manifestação de um objeto de fato ausente.

A cada impressão corresponde uma manifestação objetual, e também é assim no caso das impressões reproduzidas. Contudo, o aparecer objetual reproduzido não se sintetiza com a sucessão dos momentos impressionais originários, como dito logo acima. As objetividades presentificadas não se impõem como uma presença sentida que se desdobra continuamente em atestações presentes, mas são estabilizadas conforme se mantenham mais ou menos claros os atos presentificantes. Husserl

<sup>8</sup> Eis um comentário de Husserl acerca, particularmente, da modificação retencional dos momentos vividos: “cada agora atual da consciência está sujeito à lei da modificação. Ele se altera em retenção de retenção, e isto constantemente. Resulta, assim, um constante contínuo de retenção, de tal modo que cada ponto posterior é retenção para cada ponto anterior” (*Id.*, § 11, p.29).

<sup>9</sup> *Id.*, § 23, pp.51-2.

<sup>10</sup> “Há, com certeza, tempo presentificado, mas este reenvia necessariamente ao originariamente dado, não fantasiado, mas sim presentado” (*Id.*, § 19, p.45).

aponta, então, para graus crescentes de separação entre as objetividades presentificadas e as doações objetuais apresentadas. Esse ponto é deixado particularmente claro em *Experiência e juízo*, texto organizado por L. Landgrebe e publicado postumamente em 1939. Ali, no § 37, Husserl comenta que o objeto rememorado, conquanto suponha a reprodução de um foco impressional que recobre uma duração já vivida, não está em continuidade harmônica com o que se atesta atualmente<sup>11</sup>. Por sua vez, no § 39, o autor trata do objeto fantasiado, o qual também pode aparecer com uma extensão temporal intrínseca. O tempo fantasiado, porém, já não tem nenhuma relação de continuidade com o tempo efetivamente sentido<sup>12</sup>.

Esboçamos aqui em linhas muito gerais as considerações pelas quais Husserl demarca atos presentantes e presentificantes à luz de sua organização específica na temporalidade imanente<sup>13</sup>. Fink avança nessa estratégia, conforme anunciamos, mas de uma maneira que não deixará incólumes as análises husserlianas sobre a temporalidade. Vamos tentar recuperar ao menos parte do arco reflexivo elaborado por Fink, recorrendo a manuscritos disponibilizados postumamente, para então dimensionar o impacto conceitual de algumas teses formuladas em *Presentificação e imagem* em aparente continuidade com a doutrina husserliana. Publicadas respectivamente em 2006 e 2008, sob a organização cuidadosa de Ronald Bruzina, as obras *Phänomenologische Werkstatt I e II* tornam acessíveis centenas de notas escritas por Fink durante o período de preparação e publicação de *Presentificação e imagem*. Nessas notas, fica claro que Fink critica Husserl por descrever a temporalidade imanente sob o modelo da *percepção*, isto é, da apreensão de uma presença que é atestada e constituída sucessivamente<sup>14</sup>. Sob esse modelo, o momento da apresentação impressional é o único centro de temporalização, e as dimensões passada e futura se ordenam como modificações intencionais desse ponto-fonte em que a presença do

254

---

<sup>11</sup> Acerca desse ponto, Husserl dá o seguinte exemplo: “percebo uma mesa diante de mim e ao mesmo tempo me lembro intuitivamente de outra mesa, que estava, antes, neste lugar. Embora eu possa, por assim dizer, ‘colocar’ a mesa rememorada ao lado da mesa percebida, a primeira não está na unidade de uma duração efetiva ao lado da segunda, ela está, de certo modo separada dela” (HUSSERL, E. *Erfahrung und Urteil*. Prag: Academia Verlagsbuchhandlung, 1939, § 37, p.184).

<sup>12</sup> Segundo Husserl, as fantasias “se ordenam como vivências tal qual todos os atos [...] – o que quer dizer que a consciência interna constitui conexões intencionais. Mas elas não têm conexão em sua relação objetual nem entre elas nem com as percepções. O centauro que eu fantasio agora e o hipopótamo que eu fantasiei antes, e, além disso, a mesa que eu percebo agora não têm nenhuma conexão um com o outro, isto é, não têm nenhuma posição temporal em relação ao outro” (*Id.*, § 39, pp.195-6).

<sup>13</sup> Limitamo-nos a retomar parte da doutrina husserliana exposta em *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, pois será principalmente a obra criticada por Fink. No entanto, Husserl desenvolveu outras abordagens acerca da temporalidade em *Manuscritos de Bernau* e *Manuscritos C*, as quais, ao menos em parte, enfrentam os problemas reconhecidos por Fink. Nós não avançaremos no detalhamento desses manuscritos aqui.

<sup>14</sup> “A impressão imanente é um apresentar, tal como também o perceber é um apresentar; em um caso temos um apresentar imanente, no outro um apresentar transcendente ‘através’ de aparições” (HUSSERL, E. *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstesens (1893-1917)*, *op. cit.* § 43, p.91).

que quer que apareça é confirmada<sup>15</sup>. Desse modo, os halos ou horizontes temporais espontaneamente imbricados na impressão e responsáveis pelo caráter durativo da fenomenalização são concebidos como derivados da apreensão perceptiva fundante das modificações temporais. Fink nomeia essa concepção de “horizonte do ‘e assim por diante’, um ‘agregado’ (*Inbegriff*)”<sup>16</sup>. Em outras palavras, o horizonte é pensado como extensão indeterminada do mesmo tipo de apreensão vigente na impressão (percepção de uma presença). As dimensões retencional e protencional são reduzidas a variantes ou modificações da apresentação impressional, e a horizontalidade do horizonte é tomada, por conseguinte, como *potencialidade* de estender a apreensão impressional para a totalidade indefinida de objetividades mundanas. Os horizontes seriam tão somente o conjunto de apreensões impressionais objetivantes que não são ainda ou não são mais atuais.

Fink recusa essa maneira de compreender a temporalidade imanente. “Em Husserl, retenção e protensão tem em geral um sentido intencional de ato”<sup>17</sup>, avalia o autor. Conquanto não tome explicitamente as retenções e protensões como atos intencionais, Husserl as teria modelado como variantes da apreensão perceptiva fundante do momento impressional, o que comprometeria toda a análise do tempo com um modelo objetivante incapaz de reconhecer a especificidade dos horizontes temporais. Caberia explorar sob outra ótica a noção de horizonte, sem assumir de partida que se resumem a modificações da presença impressional. Em uma nota em que planejava a continuação de seu opúsculo, Fink atribui centralidade ao tema do horizonte: “uma tese fundamental em ‘*Presentificação e imagem II*’ é aquela da *função constitutiva do horizonte enquanto horizonte*”<sup>18</sup>. Na sequência, Fink se distancia mais uma vez da concepção husserliana de horizonte:

255

[...] não se trata, como Husserl faz constantemente, de apreender a consciência de horizonte como ‘modificação intencional’ da consciência propriamente objetual, e de querer verificar isso pelo desvelamento dos horizontes. O desvelamento dos horizontes ocorre por consciência de *acesso*, os horizontes são, todavia, consciência de retirada (*Entzugbewußtsein*), ‘retrações’ (*Entziehungen*)<sup>19</sup>.

Para tentar capturar esse caráter intrinsecamente “retrativo”, em contraste com a concepção do horizonte como mera potencialidade de apreensões objetivantes, Fink propõe o termo *Entgegenwärtigung*, que traduzimos como *desapresentação*. Aliás, trata-

<sup>15</sup> “Nós ensinamos a necessidade *a priori* da precedência de uma correspondente percepção ou proto-impressão antes da retenção” (HUSSERL, E. *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstesens* (1893-1917), *op. cit.*, § 13, p.33).

<sup>16</sup> FINK E. *Phänomenologische Werkstatt. Teilband 1*. Freiburg/München: Verlag Karl Alber, 2006, p.214.

<sup>17</sup> FINK, 2006, p.316.

<sup>18</sup> FINK, E. *Phänomenologische Werkstatt. Teilband 2*. Freiburg/München: Verlag Karl Alber, 2008, p.32.

<sup>19</sup> FINK, 2008, p.32-3.

se da única divergência técnica em relação às escolhas conceituais vigentes na tradução de *Presentificação e imagem*. Ali, deu-se preferência ao termo “despresentificação” para traduzir a noção em vista, o que, a nosso ver, pode gerar confusões. Com “*Entgegenwärtigung*”, Fink almeja consolidar uma nova concepção da temporalização imanente; essa noção busca preservar a horizontalidade das dimensões retencionais e protencionais, sem reduzi-las a meras apreensões objetivantes inatuais<sup>20</sup>. “Despresentações são prévias a retenções e protenções. Passado e futuro não são segmentos ‘convertíveis’”<sup>21</sup>, afirma o autor. Ora, não é errôneo descrever que um *conteúdo* apreendido impressionalmente seja convertido em conteúdo retido em uma sequência de modificações intencionais; contudo, seria sim errôneo supor que todo o sentido intrínseco do passado e futuro deriva dessa conversão, o que significaria que apenas o presente impressional exerce a função temporalizante. Para Fink, isso não dá conta da especificidade das dimensões temporais. “Nem todo passado é alteração intencional do presente”<sup>22</sup>, insiste. Com a ideia de despresentação, o autor busca explicitar a dimensionalidade intrínseca aos horizontes temporais, a qual seria irreduzível aos processos intencionais a que o conteúdo temporalizado se submete. Destarte, “despresentação” não é um nome genérico qualquer para subsumir “retenção” e “protenção”, mas sim uma noção que busca estabelecer um contraste fundamental com o momento impressional da consciência, a *presentação*. O que se sugere é que a temporalização não é algo que brota tão somente da apresentação e dali se espria por modificações intencionais que constituem o passado e o futuro. Essas dimensões intrinsecamente ausentes na impressionabilidade não são constituídas, mas constituintes da temporalização. Dessa maneira, o termo “despresentação” marca melhor o papel fundamental das dimensões de ausência na temporalização, formando uma oposição produtiva com o termo “presentação”. Trata-se de uma nova abordagem do processo espontâneo de temporalização, que nada tem a ver ainda com os atos que podem ser temporalizados nesse processo, tais como as presentificações. Chamar “*Entgegenwärtigung*” de “despresentificação” pode dar a impressão de que de algum modo (ainda que pelo avesso ou pelo negativo) a presentificação compõe a temporalização basilar da experiência, o que não é o caso. Sem dúvida haverá conexões essenciais entre “*Entgegenwärtigung*” e “*Vergegenwärtigung*”, como veremos à frente, mas é importante deixar claro que esses termos descrevem níveis intencionais diferentes.

256

Tentemos entender melhor qual a concepção de temporalização esboçada por Fink. A noção de despresentação busca caracterizar a horizontalidade intrínseca das retenções e protenções. Trata-se, assim, de apontar para o papel constitutivo dessas dimensões de retração enquanto retração, e não porque antes teriam sido dados presentes que se converteram em aspectos ausentes. As dimensões de ausência são estruturalmente instituintes do tempo. Fink deixa bem claro esse ponto: “o fluxo do

<sup>20</sup> A noção também se aplica à dimensão co-presentante do presente, como veremos à frente.

<sup>21</sup> FINK, E. *Phänomenologische Werkstatt. Teilband 1, op. cit.*, p.220.

<sup>22</sup> FINK, E. *Phänomenologische Werkstatt. Teilband 2, op. cit.*, p.18.

tempo é somente o apresentado, ele ocorre no tempo. O despresentado temporaliza o tempo, as despresentações não estão no tempo”<sup>23</sup>. O que se impõe presencialmente (o que é apresentado) vai sofrer as modificações intencionais que o constituem como uma objetividade temporal. Ora, como condição de tais modificações atuam as dimensões despresentantes. Que o presente não sature a consciência, não seja um aparecer estático, mas se configure como uma reposição impressional sempre parcial se deve ao caráter constitutivo das dimensões de ausência; do contrário, o estar consciente seria um acúmulo de dados presentes. O que se mostra deve se despresentar, deixar de figurar como núcleo impressional para que haja fluir temporal; o conteúdo intencional vai se modificando em conteúdo retido e a objetividade em vista mostra-se em uma certa duração porque há despresentação dos dados que se impõem impressionalmente. O conteúdo objetual se modifica a partir da impressão originária, constituindo uma objetividade extensa; mas que a impressão se modifique remete a dimensões de despresentação, as quais permitem que haja temporalização do conteúdo<sup>24</sup>.

Esse resultado Fink torna explícito em seu opúsculo. No decisivo § 9, o autor comenta que as despresentações “constituem a ‘condição de possibilidade’ de toda objetualidade: constituem os horizontes temporais a partir dos quais o objeto, enquanto identidade permanente, pode se apresentar no fluxo das fases temporais”<sup>25</sup>. Mas as consideráveis alterações que essa tese impõe à doutrina husserliana não figuram ali de maneira clara. Simplesmente a temporalidade não deve mais ser tomada como uma sequência de modificações espontâneas de impressões atestatórias; as dimensões temporais não são só apresentações modificadas; é preciso considerar apresentação e despresentação como constituintes da dinâmica da temporalização. Nessa nova concepção, altera-se o próprio sentido de manifestação consciente. Para Husserl, apenas a impressão valia como fonte atestadora de aparições objetuais, o que atribuía à temporalização o papel de paulatina *objetivação do ser*. Fink critica duramente essa tese: “é um erro fundamental de Husserl que apenas o presente seja o modo temporal doador de *ser* e que, por consequência, tudo deva ser remetido ao presente”<sup>26</sup>. Ora, segundo o esquema de Fink, se as despresentações também são constitutivas da temporalização, de algum modo elas também contribuem para o desvelamento do ser. Em particular, Fink acentua uma conexão entre as despresentações e o ser da subjetividade transcendental. Em uma nota, Fink associa a análise das despresentações a um nível

<sup>23</sup> *Id.*, p.87

<sup>24</sup> Alexander Schnell comenta de modo elucidativo esse ponto: “Fink concebe esses horizontes como ‘horizontes de retração’, o que significa que na constituição da objetividade não se constitui primeiramente um conteúdo, mas esse só aparece sobre o fundo de uma ‘contenção’ (*détenue – Enthalt*) despresentante. [...] O erro de Husserl consiste, assim, para Fink, no fato de ter tentado apreender as ‘contenções’ a partir dos ‘conteúdos’ (SCHNELL, A. “La phénoménologie du temps d’Eugen Fink”, *Annales de Phénoménologie*, n.7, 2008, p.100 [pp.77-108]).

<sup>25</sup> FINK, E. *Presentificação e imagem. Contribuições à fenomenologia da irrealidade*, op. cit., p.55.

<sup>26</sup> FINK, E. *Phänomenologische Werkstatt. Teilband 2*, op. cit., p.362-3.



temático que corresponde ao “*horizonte do modo de ser* da subjetividade transcendental absoluta”<sup>27</sup>. Dessa maneira, o tipo de ser da própria subjetividade reduzida transcendentalmente se deixa revelar não como as formas objetivantes que a partir dela operam, mas como o que condiciona a própria atividade constitutiva. As dimensões de retração despresentantes abrem assim uma via para pensar a subjetividade transcendental de uma maneira que não meramente transpõe para o nível das condições transcendentais os resultados por ela condicionados. Segundo Fink, “um modo de consciência não ôntico antecede todo modo de consciência ôntico”<sup>28</sup>. Parece, então, que a explicitação do caráter constituinte dos horizontes despresentantes abre a via para problematizar a transcendentalidade como dimensão *meôntica*, tema marcante da obra madura de Fink.

Eis o amplo alcance da reformulação da análise do tempo em termos de núcleos presentantes e despresentantes. O abalo tectônico na ortodoxia husserliana não se deixa perceber na superfície de *Presentificação e imagem* mas, em grande medida, está ali operante. Cabe agora retomar aquela estratégia de clarificar os atos presentificantes por remissão à temporalidade imanente. Anunciamos que Fink refaz esse caminho husserliano; todavia, cumpre destacar que os resultados obtidos, devido à reinterpretação da temporalidade imanente, não irão somente repetir aqueles já alcançados por Husserl. Uma vez que as despresentações condicionam a própria temporalização consciente, é inescapável que elas condicionem os atos presentificantes. Cabe notar, contudo, que Fink não se limita a apontar uma relação genérica entre essas dimensões intencionais. Há, na verdade, *correlações bidirecionais* entre despresentações e presentificações. Fink deixa claro essa inter-relação essencial em uma nota: “despresentação e presentificação são intencionalidades correlativas, elas não podem ser uma sem a outra. A presentificação desvela a despresentação e inversamente a despresentação é condição de possibilidade para toda presentificação”<sup>29</sup>. Por um lado, é verdade que as despresentações são condição de possibilidade para os atos presentificantes; afinal, é porque o estar consciente não é uma saturação de agoras e sim um escape contínuo do que se apresenta em horizontes esvaziados de intuitividade que é possível *tornar presente* o que justamente se ausenta ou não existe. Por outro lado, cabe acentuar que os atos presentificantes são reveladores das despresentações, que, nelas mesmas, não são *algo* à disposição da consciência, mas a dimensão de retração inerente ao estar consciente. Esse último ponto merece mais detalhamento. As despresentações são o horizonte de retração que fazem com que haja modificação temporal dos conteúdos vividos; entretanto, esse despresentar não é um bloco genérico, e sim modalidades que operam em diferentes direções. Essa riqueza interna às despresentações, nós podemos saber dela pelas presentificações. Os variados tipos de presentificações, isto é, as variadas formas de tornar presente o que se ausenta, explicitam as formas variadas de ausência a que o estar consciente temporalizado está submetido. Mas atenção, não se

<sup>27</sup> FINK, E. *Phänomenologische Werkstatt. Teilband 1*, op. cit., p.64.

<sup>28</sup> *Id.*, p.43.

<sup>29</sup> *Id.*, p.35.

quer dizer aqui que as presentificações constituam as dimensões de ausência; como vimos, essa relação de condicionamento ocorre na direção inversa, já que as despresentações tornam possíveis as presentificações; mas são as presentificações que nos dão *acesso* às dimensões de retração pelas quais há dinâmica de temporalização.

Fink dá grande destaque a essa tese em *Presentificação e imagem*. No importante § 24 de seu opúsculo, o autor propõe ampliar a noção de originariedade de maneira a reconhecer que as presentificações explicitam certos polos objetivos “em pessoa”, recusando, assim, a circunscrição da originariedade à percepção, como Husserl propõe em suas *Lições*. As presentificações seriam “consciência originária de acesso aos horizontes temporais”<sup>30</sup>. As despresentações retiram a intuitividade da impressão, afastam a consciência das presenças atestadas. Essa retração, por sua vez, pode ser revelada em seu movimento retrativo pelas presentificações; é assim que ao recordar, revela-se o *passado* como dimensão do já vivido e esquecido; ao antecipar, revela-se o horizonte de *futuro* como abertura de expectativas ainda não cumpridas, etc<sup>31</sup>. Em suma, as presentificações tornam intuitivas as dimensões de retração temporalizantes. Cabe acentuar, no entanto, que a originariedade da presentificação é apenas aquela do *acesso* a tais dimensões. Aqui é preciso distinguir os atos de consciência que constituem seus polos temáticos conforme formas objetivas variadas e os atos que tão somente dão acesso, mas não reduzem a objeto aquilo que, no fundo, os torna possível.

Por meio do arco expositivo acima reconstruído, esperamos ter destacado aos leitores algumas das principais teses contidas em *Presentificação e imagem*. Fink admite o caráter provisório das conclusões extraídas, uma vez que não teria completado a remissão da problemática ao nível da temporalidade fundante<sup>32</sup>. Entretanto, como vimos, ainda que tal movimento não tenha sido levado a cabo, já há elementos suficientes para considerar a obra tal qual publicada como uma importante contribuição teórica à fenomenologia, inclusive quanto ao tema da temporalização. Fazemos, ainda, alguns comentários sobre a edição do livro em língua portuguesa. Há um ótimo prefácio de Hans R. Sepp, que contextualiza o texto de Fink em relação às obras de Husserl e Heidegger e mostra como já nos parágrafos introdutórios de *Presentificação e imagem* estão esboçadas algumas das principais questões que serão desenvolvidas no correr da carreira filosófica do autor. Em seguida, em uma elucidativa “Nota à tradução”, Anna Coli aprofunda a contextualização do texto de Fink, além de comentar sobre algumas importantes

<sup>30</sup> FINK, E. *Presentificação e imagem. Contribuições à fenomenologia da irrealidade*, op. cit., p.89.

<sup>31</sup> As despresentações não se limitam ao passado e ao futuro. O próprio presente não é concebido por Fink como pura apresentação intuitiva. Nele há latências despresentantes, que podem ser exploradas por presentificações específicas tais como a recordação do presente ou a fantasia. Cf. *Presentificação e imagem*, §§ 19-20.

<sup>32</sup> “Nossa explicação analítica perdeu-se propositadamente em uma ingenuidade fenomenológica na medida em que absteve e teve que se abster de chegar à problemática temporal do fluxo transcendental de vivências” (FINK, E. *Presentificação e imagem. Contribuições à fenomenologia da irrealidade*, op. cit., § 27, p.97).

decisões de seu trabalho, em particular sobre a tradução, a nosso ver bastante satisfatória, do termo “*Erinnerung*” por “recordação”. Vale notar que o texto de Fink é vertido para o português de modo altamente legível, respeitando a complexidade das formulações originais sem deixar de adequá-las para as modalidades sintáticas privilegiadas em nossa língua (não contamos, por exemplo, com algumas formas de atributo participial (*Partizipialattribute*) que permitem economizar orações subordinadas). A tradutora conhece profundamente a obra de Fink, tendo já publicado artigos sobre o autor e mesmo dedicado seu recente doutorado a problemas teóricos enraizados na perspectiva finkeana de fenomenologia. Tudo isso colabora para o bom resultado geral da tradução. Cabe apontar, contudo, pequenos deslizes de revisão, ao menos aqueles que podem mesmo borrar o entendimento de algumas passagens cruciais do texto:

- na p.54, na antepenúltima linha, em vez “despresentificações”, leia-se “presentificações”;
- na p.74, na linha 7, em vez de “transcendentais”, leia-se “transcendentes”;
- na p.89, na linha 16 do § 24, em vez de “presentificações”, leia-se “despresentificações”;
- na p.89, na linha 18 do § 24, em vez de “presentificante”, leia-se “despresentificante”;
- na p.96, na linha 6, em vez de “sono”, leia-se “sonho”;
- na p.109, na linha 5, em vez de “real-transcendental”, leia-se “real-transcendente”.

260

Vale ainda um último comentário sobre escolhas conceituais. “*Präsentation*” e “*Appräsentation*” são traduzidos como “apresentação”, o que não nos parece completamente adequado. Talvez fosse mais simples considerar “*Präsentation*”, em todas as ocorrências, um sinônimo de “*Gegenwärtigung*”, como de fato foi feito na página 74, linha 16, e na página 88, linha 14, por exemplo (ali, o termo original traduzido como “apresentação” é simplesmente “*Präsentation*”). Além disso, por meio do termo “*Appräsentation*”, Fink tem em vista uma dimensão de horizonte que não é intuitivamente plena, como as apresentações, mas que está no meio dessas, por assim dizer. Fink aproxima a “*Appräsentation*” da retenção e da protensão, caracterizando-a como uma modalidade de despresentação<sup>33</sup>. Trata-se, em particular, da modalidade de despresentação responsável pelo caráter de horizontalidade intrínseco ao próprio *presente*, que também não se reduz, como comentamos brevemente acima, a uma saturação da consciência por presenças absolutamente plenas<sup>34</sup>. Para marcar essa função despresentante, talvez o termo “apresentação” seja insuficiente, porque

<sup>33</sup> Cf. FINK, E. *Presentificação e imagem. Contribuições à fenomenologia da irrealidade*, op. cit., § 9, p.51.

<sup>34</sup> “Pertenceria, talvez, ao sentido mais autêntico do apresentar o fato de que ele também tem em si uma horizontalidade em relação à qual ele estabelece uma relação análoga àquela entre a recordação e o passado, entre a recordação antecipativa e o futuro?” (*Id.*, p.74).

justamente, em português, ele tem o sentido de algo que se mostra diretamente como tal. Uma solução possível seria “co-apresentação”.

Apresentamos essas considerações finais tão somente para instigar os leitores a se engajar em reflexões filosóficas já na compreensão dos principais termos empregados por Fink. Afinal, dadas as pretensões *descritivas* da fenomenologia, muito do seu potencial elucidativo se decide já na arquitetura conceitual aplicada aos fenômenos. A fenomenologia almeja tornar visíveis estruturas fenomenais, e conta para tanto principalmente com o *rigor conceitual*. Verter essa conceitualidade operante para outro idioma sempre envolve riscos, devido a variados tipos de discrepância entre o arcabouço expressivo das línguas. Contudo, trata-se de um exercício ousado e capaz de instilar um vigor reflexionante renovado na língua que recebe as relações conceituais fixadas originalmente sob outros parâmetros expressivos. Sem dúvida, esse será o duradouro efeito, proporcionado ao público interessado, da tradução desse decisivo opúsculo fenomenológico.

Submetido: 20 de fevereiro 2021

Aceito: 16 de março de 2021